

A FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E O TEMA ORIENTAÇÃO SEXUAL

Rafael dos Santos Carneiro¹

Marivete Gesser²

A temática sexualidade se constituiu, ao longo da história ocidental, como associada ao coito genital e à reprodução. Decorrente dos atravessamentos dos discursos morais, religiosos e higienistas, os quais produzem como efeito a patologização e medicalização das sexualidades que fogem de um padrão considerado normal. Tanto na escola como nas demais instituições sociais, observa-se a reprodução de práticas voltadas à pedagogização dos gêneros e das sexualidades as quais operam como violências aos sujeitos que resistem a elas, seja porque não reproduzem os padrões de docilidade instituídos às mulheres ou pela orientação homoerótica do desejo. Parte-se do pressuposto de que a escola tem como responsabilidade a formação de cidadãos críticos e responsáveis, e como um dos componentes primordiais nesse processo, encontra-se o respeito às diversas possibilidades de expressão da sexualidade. O professor pode ser considerado um dos melhores mediadores do desenvolvimento dos alunos, mas deve-se reconhecer que nem todos os docentes estão preparados para trabalhar o tema sexualidade nas escolas. Esse despreparo, muitas vezes, tem origem em sua formação acadêmica devido a pouca discussão sobre a temática. Este trabalho teve como objetivo, por meio de uma pesquisa com questionários aplicados a acadêmicos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina, analisar os discursos que atravessam suas concepções de orientação sexual, observando como esta temática é abordada no curso, e com base nos dados obtidos, pretende-se trabalhar pressupostos teórico-metodológicos voltados à formação de qualidade dos acadêmicos, para que estes estejam aptos a atuarem nas questões relacionadas à gênero e a promoção de uma educação inclusiva à diversidade sexual. A amostra foi composta por 18 acadêmicos com idade média de 23 anos, sendo 50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino. Quanto a orientação afetiva-sexual, 61,12% disseram ser heterossexuais, 27,78% homossexuais e 5,55% bissexuais. Na variável religião encontramos: 44,45% ateus, 16,67% agnósticos, 22,23% espíritas, e 5,55% dos entrevistados são seguidores do panteísmo, cristianismo e catolicismo. Dos acadêmicos e acadêmicas questionados, 17 disseram se sentir atraídos pela temática orientação sexual, sendo que 66,67% deles, já fizeram alguma atividade relacionada com gênero /sexualidade. Quanto a abordagem da temática no curso, mais de 50% disseram que esta não é feita, outros 22,22% disseram que, quando ocorre, é estritamente ligada a fatores biológicos. Sobre o que entendiam por diversidade sexual e de gênero, 88,89% dos questionados disseram que esta se trata de como as pessoas vivem sua vida afetiva-sexual sendo heterossexuais, homossexuais ou bissexuais. Com o presente estudo, foi observado grande

1 Discente do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID, Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus Realeza*, rafaeluffs@hotmail.com

2 Professora Doutora, Psicóloga, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis. marivete@yahoo.com.br

interesse dos acadêmicos com a temática da Orientação Sexual bem como a necessidade e urgência de ações educativas e de orientação que extrapolem a simples abordagem biológica da temática, mas também considerem questões relacionadas à gênero, religiosidade, etnia, classe social e outros marcadores constituintes do sujeito. É necessário formar professores para a implementação dos documentos oficiais já existentes relacionados à sexualidade como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Política Brasil sem Homofobia visando a desconstrução de preconceitos e atitudes discriminatórias, garantindo os direitos sexuais e reprodutivos de todos os sujeitos.

Palavras-Chave: Biologia. Orientação-Sexual. Sexualidade. Diferenças.